

BREVE INTRODUÇÃO AO NASCIMENTO DA PSICANÁLISE



PEDRO LAUREANO

Texto Aberto Série II - n.º 5 | 2023 (ISSN: 2184-2388)

RESUMO

O presente ensaio configura uma tentativa de lucubração propedêutica sobre a psicanálise de Sigmund Freud. Por se tratar de uma reflexão meramente introdutiva – quase prefacial, diríamos –, pareceu-nos sensato, em primeira instância, enquadrar a doutrina psicanalítica em termos históricos. Partindo desta premissa, procurámos explicitar, ainda que de forma sintética, o sinuoso percurso que Freud tivera de percorrer para consubstanciar o seu sistema. Tal exigência, colocou-nos na senda das investigações de Charcot, Bernheim e Breuer, três figuras que merecem particular atenção pelo modo como os seus estudos influíram na primeira fase do pensamento freudiano. De seguida, após evidenciarmos os pontos de contacto existentes entre Freud e os seus mestres, adiantámo-nos no esclarecimento da emancipação e conseqüente consolidação do método psicanalítico.

PALAVRAS-CHAVE: Freud, psicanálise, psiquismo, filosofia, método.

ABSTRACT

This essay amounts to a tentative introductory insight into Sigmund Freud's psychoanalysis. Since this reflection is a mere primer – perhaps a prefatory step – we thought it would be sensible to begin by situating the psychoanalytic doctrine in historical terms. Assuming this, we sought to explain, however briefly, the meandering route that Freud had to walk in order to establish his system. This led us down the path of the works of Charcot, Bernheim, and Breuer, three characters who are particularly worthy of attention because of the way their studies shaped the early stages of Freud's thinking. Having pointed out the common ground between Freud and his masters, we then embarked on the process of elucidating Freud's emancipation and the resulting consolidation of the psychoanalytic method.

Keywords: Freud, psychoanalysis, psyche, philosophy, method.

A PROTOGÉNESE DA PSICANÁLISE: SOBRE A INFLUÊNCIA DE CHARCOT, BERNHEIM E BREUER

Qualquer estudo introdutório sobre psicanálise, não obstante os diversos modelos psicanalíticos hoje existentes, não deve prescindir de uma cuidada aferição dos seus fundamentos basilares. Dito isto, não é possível compreender os pressupostos teóricos da psicanálise sem uma interpelação correta à tese do seu fundador – Sigmund Freud. É correto proferir que a prefação freudiana ao estudo psicanalítico comunga, no seu dealbar, com a investigação e com a ação clínica que Freud levava a cabo enquanto médico. Embora referencie de forma humilde, no início das *Cinco Conferências sobre Psicanálise* (1910), que a descoberta do modelo psicanalítico não é sua, mas sim de Josef Breuer[1], não deixa de ser verdade, contudo, que do ponto de vista metodológico, doutrinário e terapêutico, a psicanálise deve a sua origem a Freud[2].

Como sabemos, alguns dos seus discípulos,

como por exemplo Alfred Adler e Carl Gustav Jung, desenvolveram posteriormente novas orientações psicanalíticas, pelo que nos nossos dias, ao falarmos de psicanálise, demonstra ser prudente distinguir a escola psicanalítica; de igual modo, é importante mencionar que quando nos referimos à psicanálise clássica, estamos a invocar a psicanálise freudiana. Tal como Freud retrata na obra citada em epígrafe, os primeiros passos psicanalíticos (proto-psicanalíticos, no nosso entender) de Breuer visavam a compreensão da histeria, razão pela qual não será incorreto professar que, de certo modo, o nascimento da psicanálise se entrecruza com a tentativa de cura desta patologia neurótica[3].

Em relação ao hipnotismo[4], Freud sempre o utilizou de forma heterodoxa, empregando-o para inquirir os pacientes sobre a gênese da sua sintomatologia; a hipnose configurava, portanto, não apenas uma ferramenta de sugestão terapêutica, sendo aplicada sobretudo como agente rastreador da origem dos sintomas. Durante algum tempo os resultados obtidos satisfizeram os seus interesses, porquanto a maioria dos pacientes revelava uma capacidade descritiva mais pormenorizada, quando comparada ao estado de vigília. Os estudos preliminares que

[1] Josef Breuer (Viena, 15 de janeiro de 1842 – Viena, 20 de junho de 1925), médico e fisiologista, membro correspondente da Academia das Ciências, desenvolveu estudos de enorme relevância sobre a respiração, contribuindo, também, para o aprofundamento da compreensão do sistema vestibular.

[2] Não obstante a elegância ética que Freud denota no antelóquio das *Cinco Conferências*, devemos ter em consideração que o autor reivindica posteriormente a autoria do método psicanalítico, continuando, no entanto, a reconhecer que as raízes da psicanálise cresceram no mesmo solo em que diferentes abordagens clínicas se encontravam firmadas

[3] Em consonância com a informação aduzida, leia-se o seguinte excerto: «Não acompanhei os primeiros passos desta jovem ciência. Era eu um estudante universitário a braços com os exames finais quando um outro médico vienense, o Dr. Joseph Breuer, aplicou pela primeira vez este procedimento a uma paciente histérica (entre 1880 e 1882)». Cf. Sigmund Freud, *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, tradução de Isabel CastroSilva, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2016, p. 9.

[4] As seguintes palavras são reveladoras da determinância do hipnotismo para a compreensão preambular do dinamismo esfíngico da consciência: «O estudo dos fenómenos hipnóticos, com efeito, familiarizou-nos com a ideia, inicialmente desconcertante, de que é possível a coexistência no mesmo indivíduo de diferentes agrupamentos psíquicos que podem permanecer bastante autónomos entre si, não “sabendo nada” uns dos outros, e que alternadamente reclamam para si a consciência. (...) Nestas instâncias de cisão da personalidade, quando a consciência permanece associada de forma constante a um dos dois estados, chamamos a este o estado psíquico *consciente*, e àquele que se mantém separado dele, o estado psíquico *inconsciente*». Cf. *Ibidem*, pp. 20-21.

desenvolveu com Breuer, indispensáveis para uma análise rigorosa da recondução freudiana do uso da hipnose, foram publicados no ano de 1895 com o título *Estudos sobre a Histeria*[5].

Em linha com a argumentação exposta, é indubitável o facto de Freud ter acompanhado preludialmente, com a devida ressalva, o método hipnótico utilizado por Breuer e Charcot[6], porém, dado que esta prática se mostrara falível no tratamento de alguns dos seus casos clínicos, não tardaram a emergir interrogações quanto à sua eficácia. Baseando-se no resultado de determinados estudos e procedimentos realizados, acabou por hipotetizar a possibilidade de cura da histeria sem que para isso fosse necessário recorrer à hipnose. Em todo o caso, uma certa relutância surgiria nesse momento:

Já que não conseguia alterar de acordo com a minha vontade o estado psíquico da maior parte dos meus doentes, preparei-me para trabalhar com eles no seu estado normal. Esta parecia ser à partida uma empresa absurda e sem perspectivas de sucesso. Tratava-se afinal de descobrir algo, com a ajuda do paciente, que nem ele nem eu sabíamos. Como podíamos esperar trazer à consciência essa informação?[7].

Breuer acompanhava a conceção freudiana sobre a prevalência de memórias ocultas ou reprimidas, todavia, divergia da noção de que a sintomatologia histerica detinha um âmago

sexual, facto que colocou termo ao seu trabalho conjunto. Podemos afirmar que a técnica terapêutica de Breuer, a *catarse*[8], desempenhou um papel estruturante na edificação do modelo psicanalítico de Sigmund Freud, pois que algumas das suas descobertas se deveram, justamente, ao método catártico. A *catarse* ou cura catártica consiste, portanto, num processo em que o paciente discute as suas associações com cada sintoma, possibilitando assim a eliminação dos mesmos.

Mediante o progressivo desenvolvimento da psicanálise, Freud modificou alguns pontos da sua abordagem terapêutica, acabando por perceber que a vinculação emocional que o paciente estabelecia com o médico durante as sessões, demonstrava resultados assaz frutíferos, suplantando, aliás, os resultados obtidos através da *catarse*; ulteriormente, a este elo emocional erigido entre o doente e o profissional de saúde foi atribuído o nome de «transferência». Nas *Cinco Conferências*, este conceito é apresentado da seguinte forma:

Sempre que um doente nervoso se submete à terapia psicanalítica, ocorre nele o fenómeno desconcertante a que chamamos transferência (...), ou seja, o paciente dirige ao médico impulsos afetivos, muitas vezes misturados com hostilidade, que não têm fundamento em nenhuma relação real e que, dadas as suas características, só podem ser deduzidos de desejos fantasiosos antigos e entretanto tornados inconscientes[9].

[5] Em relação aos *Estudos sobre a Histeria*, convirá notar que esta obra versa essencialmente sobre o caso clínico de uma jovem com sintomatologia clássica de histeria, a quem Breuer dedicou especial atenção durante dois anos (*vide* terceira nota de rodapé).

[6] Jean-Martin Charcot (Paris, 29 de novembro de 1825 – Montsauche-les-Settons, 16 de agosto de 1893), formado em medicina, lecionou durante mais de três décadas na Universidade de Paris. De entre os seus diversos contributos na área da saúde, destacam-se os avanços que promoveu no âmbito da neurologia, tendo, a sua investigação, contribuído amplamente para o estudo de inúmeras patologias do foro neuropsicológico.

[7] Sigmund Freud, *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, p. 25.

[8] Este vocábulo «utilizava-se quer na linguagem religiosa, onde significava uma purificação ritual, quer na linguagem médica, onde designava um processo purgativo, destinado a limpar o corpo de elementos nocivos. Aristóteles aplicou o termo ao domínio da arte num passo da *Política*, em que se refere ao poder catártico de certas formas de música, e na *Poética* (1449b), ao definir a tragédia: “A tragédia é uma imitação de ação (...) que, por meio da comiseração e do temor, provoca a purificação de tais paixões”. Cf. V. M. de Aguiar e Silva, «*Catarse*», in *Logos. Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia*, Vol. 1, Lisboa - São Paulo, Editorial Verbo, 1991, col. 892.

[9] Sigmund Freud, *op. cit.*, p. 61.

Como se subentende, a maturação das ideias de Freud, designadamente no que à psicopatologia concerne, muito se deveu à proximidade que estabeleceu com os estudos de Charcot, Bernheim[10] e Breuer, personalidades com as quais teve oportunidade de trabalhar em momentos distintos da sua vida. É notória a relevância das aprendizagens que colheu junto dos seus mestres; no tempo em que privou com Charcot, intuiu pela primeira vez a ideia de que a histeria, na sua génese, estaria relacionada com a sexualidade. Os estudos neurológicos de Bernheim, por seu turno, demonstraram-lhe inequivocamente a presença do inconsciente na mente humana, e com Breuer apropriou-se do método catártico, o qual posteriormente metamorfosearia, consolidando, a pouco e pouco, a sua psicanálise.

A INFLEXÃO METODOLÓGICA: A SUPERAÇÃO DO HIPNOTISMO E DA CATARSE

Freud terá utilizado a catarse como prática terapêutica entre 1880 e 1895, período esse que corresponde também ao desenvolvimento aprofundado das ideias que ancorariam a sua doutrina psicanalítica e que, por conseguinte, levariam ao afastamento da metodologia clínica que inicialmente adotara. A publicação de dois artigos científicos em 1896, permite-nos referenciar esse ano como sendo a data

que assinala a aurora da psicanálise, momento em que se verifica o total abandono do hipnotismo e da catarse e se consolida o modelo das *associações livres*. Esta prática visa a obtenção do *material* – discursividade verbal e comportamental do paciente, enquanto objeto de estudo interpretável.

Num outro artigo que Freud publicaria anos mais tarde, em 1922, a técnica da associação livre é apresentada como uma prática vital para a cura da psicopatologia, chegando o autor a admitir que sem ela o tratamento psicanalítico não pode ser iniciado. Em termos genéricos, este procedimento consiste na transmissão de todos os modos de pensamento (memórias, imagens, ideias, conceitos, atos de judicção, etc.) do doente ao médico psicanalista, sem qualquer «filtragem consciencial». Na sua crítica à psicanálise de Freud – cuja profundidade e relevância extrapola, em larga escala, o escopo da presente investigação – profere Rudolph Allers[11]:

O método psicanalítico (...) consiste em obrigar a pessoa que tem de ser analisada a produzir *associações livres*. A “regra básica da psicanálise” estabelece que o indivíduo, partindo decerto ponto, deve produzir todas as ideias, imagens ou seja o que for que possa surgir no seu espírito, pouco interessado que tais ideias sejam agradáveis ou desagradáveis, importantes ou não importantes, a propósito ou não a propósito[12].

Segundo Freud, tal prática permite ao profissional de saúde aceder à história de vida do seu paciente e, em simultâneo, indagar a estruturação da sua personalidade. A total

[10] Hippolyte Bernheim (Mulhouse, 17 de abril de 1840 – Paris, 2 de fevereiro de 1919), psicólogo, cofundador da Escola de Nancy, reconhecido pelos vários estudos que dedicou à hipnose, defendia acerrimamente o uso da sugestão hipnótica, considerando impreterível a sua aplicação para o alcance de resultados terapêuticos mais profícuos.

[11] Rudolph Allers (Viena, 13 de janeiro de 1883 – Hyattsville, 14 de dezembro de 1963), psiquiatra e filósofo católico, desenvolveu estudos assaz relevantes no âmbito da perceção sensorial, compaginando a sua prática clínica, enquanto médico, com os progressos da bioquímica laboratorial.

[12] Rudolph Allers, Freud: *Estudo Crítico da Psicanálise*, tradução de Eduardo Pinheiro, 3.ª edição, Porto, Livraria Tavares Martins, 1956, p. 26.

abertura, que pressupõe um completo despudor na comunicação de todo e qualquer pensamento, advoga Freud, é crucial para que o tratamento se mostre frutífero, porque os pensamentos que despertam no paciente maior desconforto, são justamente aqueles que melhor revelam ao médico o caminho para a origem da patologia. Com efeito, no decorrer da terapia, o paciente não deve, de modo algum, inibir-se de transmitir ao psicanalista aquilo que a sua mente projeta, «(...) mesmo que tudo lhe pareça incorreto, deslocado ou absurdo e, sobretudo, mesmo que seja para ele desagradável continuar a pensar sobre as ideias que lhe ocorrem »[13].

Note-se, que todo este argumento não é sustentável sem a noção de inconsciente, pois que o material esquecido se encontra enclausurado fora da estrutura consciencial do sujeito. Prossegue então o autor: «Seguindo este preceito, obteremos o material que nos conduzirá ao rasto dos complexos recalcados»[14]. A necessidade de perscrutação do inconsciente, é uma das razões que leva Freud a apelidar a psicanálise de arte interpretativa; de facto, procedimentalmente, a interpretação é um dos traços centrais da metodologia psicanalítica, sendo, pois, através do processo interpretativo que o médico desnuda o sentido tácito do discurso e comportamento do seu paciente. Esta prática possibilita, portanto, o desvelamento das emoções reprimidas que vivem aprisionadas no inconsciente e que originam as mais diversas manifestações neuropsicóticas.

Constituindo a interpretação o ponto cêntrico da psicanálise, é possível considerar a ação psicanalítica como um procedimento orientado para a desocultação das emoções oprimidas que jazem na estrutura inconsciente da psique.

Para Freud, esta prática é aplicável a todos os elementos passíveis de interpretação, englobando não só a discursividade e a conduta do paciente, mas também a sua esfíngica experiência onírica:

A análise das ideias que se apresentam à mente do paciente quando ele se submete à regra principal da psicanálise não é o único meio técnico de que dispomos para deduzir o inconsciente. Outros dois procedimentos servem o mesmo fim: a interpretação dos sonhos e a avaliação dos atos falhados e acidentais[15].

Dentro da complexa teia doutrinária que caracteriza a psicanálise de Freud, ressalta a prevalência de uma atitude dialógica que privilegia a idoneidade deontológica do médico, garantindo, assim, a salvaguarda do estatuto ético-moral do doente. Como observado, o método psicanalítico, alicerçado na técnica das associações livres, traz à superfície os impulsos inconscientes do indivíduo. Cabe, pois, ao médico psicanalista ordenar os elementos aparentemente esgotados de sentido que o seu paciente exprime de forma arbitrária, através de imagens confusas ou desvirtuadas, articulações fráscas incongruentes, comportamentos invulgares e registos peculiares acerca do mundo sonial. Nas *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, Freud toca a epiderme d'A *Interpretação dos sonhos*, com o intuito de esclarecer a imprescindibilidade de uma hermenêutica da realidade sonial, sem a qual, reitera, não se consubstancia o sistema psicanalítico:

Tenham em mente que as nossas produções oníricas noturnas apresentam, por um lado, uma grande semelhança exterior e afinidade interna com as criações mentais patológicas, mas que, por outro lado, são também conciliáveis com o estado de saúde plena da vida acordada. É por isso sem

[13] Sigmund Freud, *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, p. 37.

[14] *Ibidem*.

[15] *Ibidem*.

contradição que afirmamos que quem reage com estranhamento em vez de compreensão aos fenómenos “normais” de ilusões dos sentidos, ideias obsessivas e mudanças de personalidade também não terá a mínima hipótese de entender, a não ser numa perspectiva leiga, as formações anómalas de estados mentais patológicos[16].

Na terapia psicanalítica, o paciente assume um papel ativo ao longo do tratamento, na medida em que, com o auxílio do médico vai tomando consciência de um conjunto de desejos para os quais não detinha capacidade de decifração, ou ainda, desejos que efetivamente ignorava por completo. Importa notar que a consciencialização destes elementos não é meramente intelectual, porquanto o processo determina o surgimento de reminiscências emocionais (mecanismo neuropsicológico que podemos denominar de *reativação*). Graças à tomada de consciência, o indivíduo pode perceber os *elementos simbólicos inconscientes* apreendendo os impulsos latentes que os vivificam. Pela espontaneidade do fenómeno da transferência, os processos cognitivos mencionados vão sendo progressivamente aglutinados à consciência do sujeito, tornando exequível a sua cura:

O desejo inconsciente, sendo independente de todas as forças que se lhe opõem, não pode ser influenciado, ao passo que o desejo consciente é inibido por tudo o que é igualmente consciente e por tudo o que lhe ofereça resistência. O trabalho psicanalítico é assim um melhor substituto para o recalçamento falhado, e nessa qualidade está ao serviço precisamente dos valores mais altos da civilização[17].

[16] *Ibidem*, p. 38.

[17] *Ibidem*, p. 64.

[18] Parece ser lícito apreciar o *De Anima*, de Aristóteles, como o primeiro grande tratado de psicologia. A intuição do inconsciente, na filosofia aristotélica, nasce da premissa da tripartição da alma, tese preconizada inicialmente por Platão, mas que, apesar de tudo, denota uma configuração assaz distinta nos dois autores. Veja-se, a este respeito, como Aristóteles concebe a presença inexorável do desejo em todas as instâncias psíquicas: «(...) porquanto é na parte racional que o desejo, enquanto ato de vontade, se gera, tal como se verifica com o apetite e o impulso, em relação à parte irracional. Assim se concebendo a alma tripartida, encontraremos em cada uma das partes o desejo». Cf. Aristóteles, *De Anima*, 432b 5.

A TEORIA PSICANALÍTICA: FILOSOFIA E MÉTODO

O *corpus* da psicanálise clássica constitui-se essencialmente a partir de três elementos vitais, a saber, a noção de inconsciente, o predomínio da sexualidade (tema que não trataremos no presente ensaio) e a prevalência dos impulsos instintivos. Por conseguinte, a base conceptual que edifica o freudismo encontra-se sempre em articulação com estas três ideias. Em relação ao inconsciente, importa ressaltar que se trata de uma intelecção milenar que remonta à Antiguidade, podendo vislumbrar-se nos sistemas filosóficos de Aristóteles[18] e de Plotino. Na contemporaneidade, por seu turno, o conceito apresenta uma relevância determinante no idealismo pós-kantiano, nomeadamente nas teses de Hegel e Fichte, espalhando-se um pouco por todo o romantismo alemão nos primeiros decénios do século XIX.

Todavia, nestes autores, o inconsciente aparece com uma tonalidade metafísica contra a qual Freud se opõe, motivo pelo qual promove o redireccionamento do conceito inserindo-o na esfera do psiquismo. O inconsciente passa, portanto, a restringir-se a uma prossiliência cognitiva, isto é, a uma faculdade operativa cujo dinamismo se diferencia das categorias do consciente e do pré-consciente, contrastando, aliás, com estas.

Contrariamente aos autores referidos em epígrafe, em Freud a apreensão do inconsciente não resulta propriamente de uma lucubração filosófica – embora o estudo epistemológico não possa ser transcurado, se se quiser empreender uma análise aprofundada do conceito –, mas advém sobretudo da necessidade de compreender e justificar a existência de certos fenômenos psíquicos. Acompanhamos, com efeito, a argumentação do Prof. Doutor Manuel Cândido Pimentel, quando afirma que *sem o inconsciente, a psicanálise seria, quando muito, uma psicologia do ego*.

Em primeiro lugar, diríamos que o inconsciente representa a fonte primária de determinados processos cognitivos; estabelecendo-se numa região recôndita e aparentemente longínqua, o inconsciente não deixa de comunicar com a dinâmica consciencial, ainda que sem a percepção do sujeito. Em segundo lugar, o inconsciente é concebido como estando em discordância com o *ego* e, por consequência, como o lugar onde habita o *material reprimido*. Em terceiro lugar, em função do determinismo que ancora o posicionamento freudiano sobre a atividade psíquica, o inconsciente é como que um horizonte omnipresente que condiciona aprioristicamente o pensamento e a agência humana. Em quarto e último lugar, o inconsciente configura um complexo sistema cujo conteúdo (*material reprimido*) se torna passível de interpretação através do modelo das associações livres.

No aparelho psíquico, o inconsciente – parte mais primitiva da psique – não se rege por uma logicidade racional, devendo, por isso, ser compreendido como uma *energia ditirâmbica* cujas leis e funcionamento nos são inacessíveis, pois que se situam fora da órbita das categorias lógicas com as quais a consciência opera. Advoga Freud, que é do inconsciente que emerge a paixão e a criatividade, bem como os restantes impulsos inerentes à vida. Na sua logicidade particular, parece existir uma *vontade* de afirmação permanente firmada no princípio do prazer e, por outro lado, uma total ausência de aferição do espaço e do tempo, na medida em que estas intuições pertencem exclusivamente ao sistema consciencial.

Embora o inconsciente não seja suscetível de comprovação direta, de acordo com a doutrina freudiana a sua existência entende-se no decurso da atuação clínica, ou seja, durante o processo de tratamento do paciente. O inconsciente demonstra, portanto, que a estrutura complexa da vida psíquica não se reduz ao consciente e que, por conseguinte, os *conteúdos ocultos* podem ser trazidos à consciência mediante a superação de *determinadas resistências*.

Não obstante o intento de Freud de se apartar do pensamento filosófico, olhando a psicanálise como uma ciência ativa e independente, sabemos, contudo, que ela «(...) não é, nem pode ser, uma ciência no mesmo sentido em que a física o é (...) A psicologia

[16] *Ibidem*, p. 38.

[17] *Ibidem*, p. 64.

[18] Parece ser lícito apreciar o *De Anima*, de Aristóteles, como o primeiro grande tratado de psicologia. A intuição do inconsciente, na filosofia aristotélica, nasce da premissa da tripartição da alma, tese preconizada inicialmente por Platão, mas que, apesar de tudo, denota uma configuração assaz distinta nos dois autores. Veja-se, a este respeito, como Aristóteles concebe a presença inexorável do desejo em todas as instâncias psíquicas: «(...) porquanto é na parte racional que o desejo, enquanto ato de vontade, se gera, tal como se verifica com o apetite e o impulso, em relação à parte irracional. Assim se concebendo a alma tripartida, encontraremos em cada uma das partes o desejo». Cf. Aristóteles, *De Anima*, 432b 5.

está, por sua própria natureza, dependente, para sempre, da filosofia»[19]. Rudolph Allers considera que a teoria psicanalítica, tendo a pretensão de formular uma ciência capaz de aglutinar o funcionamento integral da psique, não se pode furtar à interpretação dos problemas da antropologia filosófica.

Alguns autores, como Mortimer Adler e Jacques Maritain, sustentam a proficuidade do método psicanalítico de Freud, pese embora reconheçam a fragilidade dos princípios filosóficos em que este se baseia. Partindo deste pressuposto, admitem que é exequível objetar e preterir da sua filosofia, preservando, ao mesmo tempo, a sua prática metodológica. No entanto, segundo Allers, no que concerne à psicanálise, a declinação da sua estrutura filosófica implica, forçosamente, a desacreditação da metodologia que dela advém:

Para estabelecermos, logo de início, a nossa tese, afirmamos que método e filosofia são inseparáveis na psicanálise, e que a desaprovação da filosofia acarreta, implicitamente, a desaprovação do método. (...) O espírito de Freud sabia construir por uma forma completa e consistente. Dirigiríamos um fraco cumprimento a esse rigoroso espírito (...) se considerássemos o método, que ele arquitetou, capaz de poder ser separado da filosofia que lhe serve de pano de fundo[20].

Allers, na crítica que dedica ao sistema psicanalítico freudiano, não deixa de proclamar que uma doutrina não deve ser interpelada de modo isolado; existe um conjunto de elementos extrínsecos, de ordem histórica, como fatores sociais, políticos ou mesmo culturais, que acabam por condicionar a sua construção. Por conseguinte, «certos defeitos que podemos notar neste ou naquele

sistema são derivados dessas condições; certas proposições erradas são devidas a um conhecimento não suficientemente adiantado, ou à influência de certos preconceitos (...)»[21].

Este argumento relembra-nos que a parcimónia deve figurar em qualquer crítica, pois não querendo revelar-se inócua, uma crítica tem de atender inevitavelmente ao contexto epocal do seu objeto de estudo. Muito mais haveria a dizer sobre o pragmatismo filosófico e a impetuosidade metodológica do freudismo, porém, considerando o objetivo inicial a que nos propusemos, a brevíssima reflexão que aqui aduzimos afigura-se suficiente. Em suma, por muito que a psicanálise de Freud evidencie debilidades em alguns domínios, pede-nos a sensatez que sejamos capazes de olhar o seu desígnio com admiração, tendo sempre presente o inestimável legado que nos deixou e que continua, ainda hoje, a repercutir-se em inúmeras áreas do conhecimento humano, tal como antevemos na filosofia, na psicologia, na psiquiatria, na sexologia, na neurologia e na neurociência.

REFERÊNCIAS

Aguiar e Silva, V. M. de, «Catarse», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Vol. 1, Lisboa - São Paulo, Editorial Verbo, 1991, col. 892.

Allers, Rudolph, *Freud: Estudo Crítico da Psicanálise*, tradução de Eduardo Pinheiro, 3.^a edição, Porto, Livraria Tavares Martins, 1956.

Aristóteles, *De Anima*, tradução de Carlos Humberto Gomes, Lisboa, Edições 70, 2021.

Freud, Sigmund, *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, tradução de Isabel Castro Silva, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2016.

[19] Rudolph Allers, *Freud: Estudo Crítico da Psicanálise*, p. 125.

[20] *Ibidem*, pp. 216-217.

[21] *Ibidem*, p. 287.

Texto Aberto IEF

Os artigos científicos publicados pelo *Texto Aberto IEF* destinam-se à fomentação e disseminação das reflexões filosóficas promovidas pelos actuais grupos de investigação do IEF. Embora possuam uma natureza projectual e um amplo perfil programático, todos os textos submetidos para publicação estão sujeitos à revisão do coordenador e às possíveis alterações por este propostas.

Além da língua portuguesa, o *Texto Aberto IEF* aceita textos redigidos em inglês, francês, italiano, castelhano.

Os manuscritos com as propostas devem obedecer às normas de publicação do *Texto Aberto IEF* e ser enviados para o endereço electrónico **iestudosfilosoficos@gmail.com**.

Coordenador: Joaquim Braga

Coordenadores de edição: Bernardo Ferro, José Beato

Assistentes de edição: Fernando Santor e João Emanuel Diogo

Como citar este texto: Laureano, Pedro, “Breve Introdução ao Nascimento da Psicanálise”, *Texto Aberto IEF Série II - 05* (2023), pp. 1-8.